

ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE A LÍNGUA DE EULÁLIA: NOVELA SOCIOLINGUÍSTICA E PRECONCEITO LINGUÍSTICO: O QUE É, COMO SE FAZ.

BARRETO, Joelma Correia.
jo.elma.barreto@hotmail.com

SILVA, Valdineide da.
dvaldineide@gmail.com

OLIVEIRA, Eliane Vasconcelos. Graduada em Letras/Português, Pós Graduada em Língua portuguesa, Professora tutora do curso de Letras/Português da Universidade Tiradentes – UNIT
elianeoliveira@unit.br

RESUMO

Este artigo aborda o preconceito lingüístico, ou seja, o convencionalismo que se volta contra a identidade lingüística do indivíduo, através da perspectiva de Marcos Bagno, lingüista, doutor em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP). Traz alguma reflexão importante sobre o ensino da língua portuguesa nos moldes tradicionais, baseados exclusivamente nas noções pouco consistentes da gramática normativa e impregnados de preconceitos sociais. Para o desenvolvimento deste artigo, foi feita uma análise comparativa entre as obras A língua de Eulália: novela sociolingüística (1997) e Preconceito lingüístico: o que é, como se faz (1999), a fim de entender o que é a exclusão social pela linguagem. No trabalho, também é dado destaque aos estudiosos que concordam ou discordam com os estudos de Marcos Bagno, como Sírio Possenti, Carlos Alberto Faraco, Olavo de Carvalho e José Maria e Silva.

PALAVRAS-CHAVE: Diferenças. Preconceito Lingüístico. Semelhanças.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo mostrar o preconceito lingüístico apresentado por Marcos Bagno através das obras *A língua de Eulália: novela sociolingüística* (1997) e *Preconceito lingüístico: o que é, como se faz* (1999), e, além disso, estudar outros pontos abordados nestas obras, como as diferenças e as semelhanças entre o português padrão e o português não-padrão e a diferença entre a língua e a gramática normativa.

Para tanto, foram feitas inicialmente leituras das duas obras que serviram como base para o estudo presente. Depois, foi realizada uma análise comparativa entre estas obras e, posteriormente, desempenhou-se uma pesquisa acerca de estudiosos da sociolingüística que confirmem os estudos de Marcos Bagno e de opiniões contra o discurso do autor.

Enfim, as acadêmicas do curso de Letras português, Joelma e Valdineide, procuraram entender o problema que é o preconceito lingüístico dentro da coletividade com a finalidade de contribuir para uma sociedade mais justa e igualitária que combata o preconceito e valorize todas as variantes lingüísticas como formas legítimas de realização da língua materna brasileira.

CONHECENDO MARCOS BAGNO

Marcos Bagno nasceu em Cataguases (MG). Em 2002, se tornou professor do Departamento de Lingüística da Universidade de Brasília (UNB), onde atua na graduação e no programa de pós-graduação em Lingüística. Atualmente coordena o projeto IVEM (Impacto do Vernáculo sobre a Escrita Monitorada: mudança lingüística e conseqüências para o letramento escolar).

Como escritor, Bagno iniciou sua carreira em 1988 ao receber o IV Prêmio Bienal Nestlé de Literatura pelo livro de contos *A Invenção das Horas*. Vieram em seguida outros livros, a maioria deles dedicados ao público infanto-juvenil. Sua produção literária soma no momento quase 30 títulos.

Desde 1997, tem se dedicado à produção de obras voltadas para a educação, como *Pesquisa na escola: o que é, como se faz*, Machado de Assis para principiantes, *O processo de independência do Brasil*. Suas obras no campo da lingüística se concentram principalmente nas questões relativas à crítica do ensino da língua portuguesa nos moldes tradicionais, baseados exclusivamente nas noções pouco consistentes da gramática normativa e impregnados de preconceitos sociais. Seu primeiro trabalho nessa linha foi *A língua de Eulália: novela sociolingüística*, publicado em 1997.

Marcos Bagno graduou-se em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), onde também obteve o título de Mestre. Obteve o título de Doutor em Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP) com a tese publicada em agosto de 2000 com o título: *Dramática da língua portuguesa*.

A militância de Bagno contra toda forma de exclusão social pela linguagem se tornou mais conhecida depois da publicação do livro *Preconceito lingüístico: o que é, como se faz* (1999), que é amplamente utilizado nos cursos de Letras e Pedagogia de todo o Brasil.

Em 2001, publicou o livro *Português ou Brasileiro? Um convite à pesquisa*. Organizou os volumes *Norma lingüística* (2001) e *Lingüística da norma* (2002) e *Língua materna: letramento, variação & ensino* (2002). Traduziu *História concisa da lingüística* de Barbara Weedwood (2002) e *Para entender a lingüística* de Robert Martin (2003).

Em 2003, também, publicou o livro *A norma oculta: língua & poder na sociedade brasileira* e, no início de 2007, lançou *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação lingüística*.

Por toda esta luta em favor do reconhecimento da riqueza e do valor das múltiplas variedades lingüísticas que compõem o universo da língua portuguesa do Brasil, Marcos Bagno vem sendo convidado a ministrar cursos, palestras e conferências nas mais diversas regiões do país e no exterior e tem causado polêmica entre os autores de gramáticas normativas, além de atrair novos estudiosos para esta nova visão sobre a língua portuguesa.

RESUMO DE A LÍNGUA DE EULÁLIA: NOVELA SOCIOLINGÜÍSTICA

As jovens universitárias, Vera (sobrinha de Irene), Sílvia e Emília, viajam da capital São Paulo para a pequena Atibaia, pois vão passar férias no sítio de Irene. Ao chegar, as jovens conhecem Eulália (empregada de Irene). Logo no primeiro dia, depois de conversar com ela durante um jantar, questionam a sabedoria e a competência lingüística de Eulália em razão de seu modo próprio e regional de falar. A partir de então, Irene passa a desmontar, em pleno uso da ironia, os prejulgamentos das moças que sempre terminam por se reconhecerem preconceituosas e até ridículas frente a seus argumentos iniciais. O gesto de Irene, no fundo, arma um questionamento: a validade do modelo atual de ensino de língua portuguesa oral e escrita nas escolas brasileiras.

Para convencer as convidadas ao sítio da lingüística, Irene tece longa discussão para definir o que seja português padrão (PP) e português não-padrão (PNP) e prepara reflexões esclarecedoras acerca do PP e do mito da unidade lingüística, que explicitam

que, no Brasil, além das dezenas de línguas indígenas e das faladas nas colônias de imigrantes estrangeiros, não se fala uma única língua portuguesa, pois existem as variações lingüísticas e o PP seria apenas uma dessas variantes, na realidade, praticado quase que exclusivamente na escrita. O PNP, por seu turno, compreende o conjunto de todas as variantes, principalmente as orais. Irene expõe as circunstâncias que levaram o PP a se constituir como a variante prestigiada em relação a todas as outras. Porém, existe uma vantagem imputada ao PP, visto que, há e houve investimentos maciços por parte dos gramáticos tradicionalistas, dicionaristas, acadêmicos de letras e autores de livros didáticos em prescrever regras, palavras eruditas, termos técnicos, metáforas sofisticadas, construções sintáticas empoladas. Contudo, tal língua padrão nunca é ou foi exatamente falada ou escrita nem por aqueles que a prescreveram. Como seu nome sugere, ela é a penas um gabarito, um padrão onde se pode testar a língua usual e de fato viva com suas constantes mudanças.

A maioria das aulas de Irene destina-se a demonstrar os mecanismos e funcionamentos de variedades sintáticas, semânticas, fonológicas e fonéticas, sendo que as últimas são os alvos preferidos do preconceito lingüístico.

Irene também responde a esta dúvida de como deve ser ensinado corretamente a norma culta da língua portuguesa às estudantes. Primeiro: é bom haver uma língua padrão, pelo menos escrita. Mas tem que mostrar para os alunos como ela se modifica no tempo e no território geográfico onde atua, de que forma suas mudanças ocorrem lentamente, ao contrário das rápidas e constantes metamorfoses perceptíveis nas variantes orais. O cidadão alfabetizado adequadamente desenvolve potencial para compreender tudo o que é e foi escrito à maneira do PP: as leis, os contratos de trabalho, grande parte da imprensa escrita, a maioria das obras literárias compostas através de séculos em língua portuguesa, etc.

Segundo: um falante do Rio Grande do Sul fala diferente de um do Alagoas ou de Angola, por exemplo. Mas se os três dominarem a norma padrão, podem se entender bem por meio dela - principalmente na escrita- sem fazer de suas identidades lingüísticas obstáculos para a comunicação. Portanto, a escola deveria conseguir democratizar a norma padrão, considerando as variantes geográficas, socioeconômicas, etárias, de nível de instrução, urbanas, rurais, etc.

Pela boca de Irene, Bagno defende que a chave para corrigir o ensino de português, afora a vontade dos professores, é o conhecimento e estudo das teorias lingüísticas que abordam cientificamente o assunto. Em nenhum momento se antepõe ao ensino da norma culta. Seu alerta vai de encontro a uma pedagogia de ensino de língua cujo prazo de validade venceu há bastante tempo.

RESUMO DE PRECONCEITO LINGÜÍSTICO: O QUE É, COMO SE FAZ?

Nas primeiras palavras deste livro, Marcos Bagno compara, de um lado, a língua com um rio e sua água em movimento, e de outro, a gramática normativa com um igapó, uma poça de água parada. Para narrar que a língua deve acompanhar as mudanças do tempo.

Bagno recusa a noção simplista que separa o uso da língua em “certo” e “errado”, dedicando-se a uma pesquisa mais profunda e refinada dos fenômenos do português falado e escrito no Brasil. Ao mesmo tempo, convida o leitor a fazer um passeio pela mitologia do preconceito lingüístico, a fim de combater esse preconceito no dia-a-dia, na atividade pedagógica de professores em geral e, particularmente, de

professores de língua portuguesa. Para isso, o autor analisa oito mitos inseridos no primeiro capítulo do livro “A mitologia do preconceito lingüístico”.

No capítulo II “O círculo vicioso do preconceito lingüístico”, o autor explica que os mitos analisados no capítulo I são perpetuados na sociedade por um mecanismo de círculo vicioso do preconceito lingüístico e demonstra como o procedimento de muitos profissionais colabora para a manutenção da prática de exclusão.

No Capítulo III “A desconstrução do preconceito lingüístico”, Marcos Bagno discute a ruptura do circuito vicioso do preconceito lingüístico, afirmando que a norma culta é reservada, por questões de ordem política, econômicas, sociais e culturais, a poucas pessoas no Brasil.

Neste mesmo capítulo o autor discorre sobre o que é ensinar o português; o que é erro; a paranóia ortográfica, ou seja, procurar imediatamente erros na produção de um aluno. Reconhece que o preconceito lingüístico está aí, e que mudanças só acontecerão quando houver uma transformação radical do tipo de sociedade em que estamos inseridos.

No último capítulo (IV) “O preconceito contra a lingüística e os lingüistas”, Bagno retrata a transformação da gramática tradicional em elemento de dominação e exclusão social e a dificuldade, imposta mesmo por conhecedores de língua, como Pasquale Cipro Neto, em aceitar a lingüística como lugar de descobertas, do novo, da reformulação crítica das teorias. Critica as posturas conservadoras e elitistas de Evanildo Bechara, que pertence à Academia Brasileira de Letras, e Cipro Neto, que mesmo com suas posições retrógradas, pousa de progressista.

Além disso, no decorrer, existem explicações sobre o que vem a ser rotacismo, lambdacismo, os três critérios de análise: o sintático, o semântico e o pragmático, por

meio de conceitos e de frases analisadas por outros professores, por lingüistas, e então esclarecidas por Bagno.

ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE A LÍNGUA DE EULÁLIA: NOVELA SOCIOLINGÜÍSTICA E PRECONCEITO LINGÜÍSTICO: O QUE É, COMO SE FAZ.

A língua de Eulália: novela sociolingüística (1997) é considerada marco inicial contra qualquer tipo de preconceito social através da linguagem de Marcos Bagno, pois foi seu primeiro livro escrita nesta perspectiva. É considerada obra inovadora por vários estudiosos da sociolingüística.

A Editora Contexto acaba de lançar um livro precioso, A língua de Eulália, novela sociolingüística. O autor é Marcos Bagno. O livro é bom por vários motivos: a) foi escrito em forma de novela; [...] b) é legível por não especialistas, mas é rigoroso, sem concessões; os conceitos necessários são expostos de forma clara; c) defende teses novas para a maioria das pessoas, mas com o bom senso dos que sabem do que falam; finalmente, d) traz um bom número de exemplos sobre fatos de variação e de mudança da língua portuguesa; além disso, estabelece laços firmes entre variação e mudança, o que, se não é novo, nem todos conseguem fazer bem. [...]Com esse livro, espero que muitos preconceitos sejam destruídos, que muitas aulas melhorem, que muitas pessoas, especialmente crianças pobres que estão entrando na escola, deixem de ser discriminadas. (POSSENTI, 1997)

Assim como Sírio Possenti, Pedro Marques (2000), professor de língua e literatura portuguesa pela UNICAMP, considera A língua de Eulália: novela sociolingüística, “um questionamento a validade do modelo atual de ensino da língua portuguesa oral e escrita nas escolas brasileiras”.

A língua de Eulália: novela sociolingüística aborda alguns problemas de ensino da língua portuguesa, e principalmente o preconceito lingüístico que impera na sociedade brasileira contra as pessoas que falam uma língua diferente da ensinada nas escolas, ou seja, o português não-padrão. A obra, então, para explicar o preconceito

lingüístico e questionar o modelo atual de ensino, utiliza-se da comparação entre o português padrão (ou norma culta) e o português não-padrão.

Para retomar essa discussão, em 1999, Marcos Bagno escreve *Preconceito lingüístico: o que é, como se faz*, outra obra relevante sobre este assunto.

Esse livro desdobra a sociedade apontando a mídia como maior perpetuador desse preconceito. Além disso, denuncia a existência de uma série de mitos infundados que entram, na composição do preconceito lingüístico que vigora na sociedade brasileira e desmacara-os um por um. É escrita de forma clara e fundamentada em pesquisas, reflexões e críticas. E, também, relata meios para ensinar a língua portuguesa sem preconceitos. Ao mesmo tempo, explicita a diferença entre a língua e a gramática normativa.

As duas obras escritas por Marcos Bagno, apresentam inúmeras semelhanças e pequenas diferenças. Estas últimas têm por finalidade complementar as lacunas deixadas sobre o assunto central, ou seja, o preconceito lingüístico. Por exemplo, em *A língua de Eulália: uma novela sociolingüística*, Bagno utiliza-se de exemplos, para explicar seus conceitos, de outros idiomas, como o espanhol e o inglês; e em *Preconceito lingüístico: o que é, como se faz*, emprega somente exemplos do português. Nota-se, então, que as leituras das obras se complementam como argumentação de todo um trabalho contra a imposição do que é certo e é errado na língua padrão portuguesa.

Outra diferença é que em *A língua de Eulália: uma novela sociolingüística*, o autor se preocupa em definir o que é português padrão (PP) e português não-padrão (PNP), citando em cada capítulo uma diferença entre eles, que é considerado pelos gramáticos tradicionalistas, como um erro, como o rotacismo, a diferente formação dos plurais, a simplificação das conjunções verbais, entre outros. Já em *Preconceito lingüístico: o que é, como se faz*, não existem citações sobre esses problemas. Ocorre

uma explicação de forma geral sobre o preconceito lingüístico e seus fundamentos, ou seja, os mitos que Marcos Bagno cita no primeiro capítulo da obra.

Há também a principal diferença: a estruturação narrativa das obras. Preconceito lingüístico: o que é, como se faz, é dividido em capítulos. E A língua de Eulália é feita em formato de novela.

Por tratarem do mesmo assunto, as obras se assemelham muito quanto ao conteúdo. Os mitos são difundidos por Bagno desde sua primeira obra (1997), porém, serão debatidos em sua segunda obra, de 1999, como o mito da unidade lingüística no Brasil.

- O mito da unidade lingüística no Brasil pode ser resumido na resposta que a Vera e a Sílvia me deram agora há pouco: “*No Brasil só se fala uma língua, o português.*” Um mito, entre outras definições, é uma idéia falsa, sem correspondente a realidade.” (BAGNO, A LÍNGUA DE EULÁLIA: NOVELA SOCIOLINGÜÍSTICA, 1997,p. 18)

“A língua portuguesa falada no Brasil apresenta uma unidade surpreendente”. Este é o maior e o mais sérios dos mitos que compõem a mitologia do preconceito lingüístico no Brasil. (BAGNO, PRECONCEITO LINGÜÍSTICO: O QUE É, COMO SE FAZ, 1999, p.15).

Além desta, destacam-se outras semelhanças, como o problema gerado na educação devido ao preconceito lingüístico.

- É, responde Irene -, nossa escola não reconhece a existência de uma multiplicidade de variedades do português e tenta impor a norma-padrão [...]. (BAGNO, A LÍNGUA DE EULÁLIA: NOVELA SOCIOLINGÜÍSTICA, 1997,p. 29)

[...] Ao não reconhecer a verdadeira diversidade do português falado no Brasil, a escola tenta impor sua norma lingüística como se ela fosse, de fato, a língua comum a todos os 160 milhões de brasileiros [...].(BAGNO, PRECONCEITO LINGÜÍSTICO: O QUE É, COMO SE FAZ, 1999, p.15).

Ambos os livros, também abordam sobre uma nova postura do professor de português, como maneira de diminuir o preconceito lingüístico.

[...] Em suma, sou a favor do ensino da norma-padrão, mas de um ensino *crítico* da norma-padrão, de um ensino que mostre que essa norma-padrão não tem, linguisticamente, nada de mais bonito, de mais lógico, de mais coerente que as variedades usadas pelos falantes menos cultos ou analfabetos. (BAGNO, A LÍNGUA DE EULÁLIA: NOVELA SOCIOLINGÜÍSTICA, 1997, p. 188)

[...] Diante da velha doutrina gramatical normativa, o professor não deveria limitar-se a transmiti-la tal e qual ela se encontra compendiada nos manuais gramaticais ou nos livros didáticos. É necessário lançar dúvidas sobre o que está dito ali, questionar a validade daquelas explicações, filtrá-las, tomando inclusive como base seu próprio saber lingüístico. (BAGNO, PRECONCEITO LINGÜÍSTICO: O QUE É, COMO SE FAZ, 1999, p.116).

Igualmente, ambos discutem sobre o vestibular, prova considerada por grande parte da sociedade *status*, no momento em que a pessoa tem sua aprovação. Mas, considerada por outros, principalmente psicólogos, grande meio de massacre social.

No dia em que os vestibulares desaparecerem ou se transformarem, no dia em que os concursos públicos forem elaborados com um mínimo de sensibilidade, eles talvez fiquem sem emprego. (BAGNO, A LÍNGUA DE EULÁLIA: NOVELA SOCIOLINGÜÍSTICA, 1997, p. 176)

Quanto ao vestibular – Deus seja mil vezes louvado-, ele está desaparecendo. Diversas universidades públicas e privadas estão encontrando novos meios de seleção e admissão de alunos aos cursos superiores. (BAGNO, PRECONCEITO LINGÜÍSTICO: O QUE É, COMO SE FAZ, 1999, p.121).

E a última semelhança, que merece destaque, é a oposição entre os lingüistas e os gramáticos tradicionalistas.

- Exatamente, Vera. Enquanto a maioria dos lingüistas quer essa democratização, esse reconhecimento da complexidade dos fenômenos lingüísticos, com base nas pesquisas empreendidas com critérios científicos mais rigorosos, muitos gramáticos tradicionalistas, comprometidos com a preservação do poder simbólico que é a norma-padrão, esforçam-se cada vez mais em impor regras, que, analisadas criticamente, se revelam muitas vezes ilógicas, incoerentes, obsoletas. (BAGNO, A LÍNGUA DE EULÁLIA: NOVELA SOCIOLINGÜÍSTICA, 1997, p. 174)

A Gramática Tradicional, funcionando como uma ideologia lingüística, foi e ainda é, como toda ideologia,

o lugar das certezas, uma doutrina sólida e compacta, com uma única resposta correta para todas as dúvidas. [...] Assim, a lingüística, como toda ciência, é o lugar das surpresas, das descobertas, do novo, da substituição de paradigmas, da reformulação crítica das teorias. (BAGNO, PRECONCEITO LINGÜÍSTICO: O QUE É, COMO SE FAZ, 1999, p.150).

ESTUDIOSOS A FAVOR E CONTRA OS ESTUDOS DE MARCOS BAGNO

Por toda a sua biografia e bibliografia, Marcos Bagno tem despertado interesse. Porém, nem todas as opiniões são favoráveis aos seus estudos, como as do professor Olavo de Carvalho, que produziu um texto e distribuiu aos seus alunos em um Seminário de Filosofia em 1999, com os seguintes argumentos:

[...] O livro de Marcos Bagno, *Preconceito Lingüístico. O Que É, Como Se Faz* (1999), ao assumir a defesa do mais entrópico *laissez-faire* gramatical contra toda tentativa de conservar a unidade da norma culta, abominada como mecanismo de exclusão social e opressão dos pobrezinhos. [...] O autor nem de longe dá sinal de perceber que, afrouxada a norma portuguesa, o que haverá de predominar não será o democratismo igualitarista das falas populares, autoneutralizantes por sua multiplicidade mesma, e sim a influência ordenadora da norma anglo-americana, ocupando substitutivamente — e usurpatoriamente — o lugar da regra vernácula. [...] Ele é apenas mais um esquerdista doído, desses que, ansiosos para expressar sua miúda revolta imediatista e cega, não sabem a quem servem em última instância e aliás não querem nem saber: falam o que lhes dá na telha e, de tempos em tempos, constatam, mais revoltados ainda, que tudo deu errado e seu mundo caiu. (CARVALHO, 1999)

Olavo de Carvalho, nascido em Campinas, Estado de São Paulo, em 29 de abril de 1947, tem sido saudado pela crítica como um dos mais originais e audaciosos pensadores brasileiros. Homens de orientações intelectuais tão diferentes quanto Jorge

Amado, Arnaldo Jabor, Ciro Gomes, Roberto Campos, J. O. de Meira Penna, Bruno Tolentino, Herberto Sales, Josué Montello e o ex-presidente da República José Sarney já expressaram sua admiração pela sua pessoa e pelo seu trabalho.

A tônica de sua obra é a defesa da interioridade humana contra a tirania da autoridade coletiva, sobretudo quando escorada numa ideologia "científica".

Na mesma linha de pensamento do professor Carvalho, está o jornalista José Maria e Silva:

Se houvesse um Código de Ética do Magistério, o sociolinguísta Marcos Bagno, autor do famigerado *Preconceito Lingüístico* (1999), deveria ter sua licença de professor cassada em caráter de urgência. [...]. É essa Bíblia dos sociolinguístas que se vai analisar agora. [...] Pelo fato de escrever inegavelmente bem, algo cada vez mais raro nas academias, o jovem Marcos Bagno tornou-se uma Marilena Chauí de calças [...]. Os dois têm em comum a eloquência, o confucionismo e uma indisfarçável vocação para a charlatanice intelectual. [...] Marcos Bagno inventou até um decálogo para sua religião, criativamente chamado de “Dez Cisões”, e sustenta sua fé sociolinguística no combate a oito pecados capitais — os *preconceitos lingüísticos*, isto é, os barços e cutelos com que a norma culta do idioma tiraniza os falantes da língua portuguesa e contribui para a injusta divisão do mundo entre milionários e miseráveis. Entre os oito mitos sobre a língua portuguesa que Marcos Bagno combate, pelo menos três, o 2º, o 6º e o 7º, só existem na sua cabeça; outros dois, o 3º e o 4º, existem de fato, mas não pelas razões que ele imagina; e um deles, o 5º, é absolutamente inócuo, sendo de admirar que alguém perca tempo em lhe dar combate. Restam dois “mitos”, o 1º e o 8º, que não são mitos, mas constatações a respeito do português, por sinal, benéficas para seus falantes. (SILVA, 2002)

José Maria e Silva, jornalista, escreveu um artigo contra Marcos Bagno e o livro *Preconceito lingüístico: o que é, como se faz* (1999) em 14 de novembro de 2002.

Entretanto, outros nomes renomados da Sociolinguística estão a favor de Marcos Bagno na luta contra o preconceito lingüístico, como Sírio Possenti, professor de linguística da UNICAMP e Carlos Alberto Faraco, sociolinguísta.

O linguísta Marcos Bagno foi o entrevistado da *Caros Amigos* número 131, de fevereiro de 2008. É um fato a ser comemorado, porque ainda é mais difícil explicar o

que faz um lingüista do que o que faz um lobista... Por razões diferentes, claro.

Uma das teses de Bagno é que o ensino deveria ser menos conservador, ou seja, que a escola deveria aceitar como normais (na linguagem de quase todos, como *corretas*) construções que as gramáticas ainda condenam sem razão consistente, mesmo para seus pontos de vista. Muitas delas, aliás, são aceitas sem que professores, intelectuais, avaliadores etc. se dêem conta de que já foram "erros". (POSSENTI, 2008)

Marcos Bagno não poupa ironia em condenar a arrogância com que alguns se acham no direito de opinar a respeito de como os outros devem se comportar em matéria da linguagem. (FARACO, 2001)

CONCLUSÃO

Lidar com as diferenças é uma das maiores dificuldades do ser humano. Ao se descobrir a diversidade, em muitas ocasiões, manifesta-se a tensão, a intolerância, e principalmente, o preconceito, que se define como uma postura negativa, sem fundamentos, para com as diferenças manifestadas nas várias dimensões da vida humana.

Uma forma de preconceito praticada por todos e apenas observada por poucos, apesar de já reconhecida, é o preconceito lingüístico, ou seja, o que se volta contra a identidade lingüística do indivíduo. Apesar de este ser combatido, no Brasil, por estudiosos da sociolingüística há pelo menos dez anos, continua sendo praticado por toda a sociedade em geral.

E, por isso, Marcos Bagno dedica-se aos estudos sobre o preconceito lingüístico e escreveu duas obras fundamentais para a análise e o combate deste preconceito: *A Língua de Eulália: novela sociolingüística* (1997), e *Preconceito Lingüístico: o que é, como se faz* (1999), obras analisadas pelas autoras do presente artigo.

Como resultado, concluiu-se que os estudos de Marcos Bagno têm fundamentos sólidos, baseados na Sociolingüística, e são necessários para acabar com o

problema do preconceito lingüístico dentro da sociedade brasileira, e por estes motivos suas idéias são aceitas e aplaudidas pelas autoras deste artigo, Joelma e Valdineide.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália: novela sociolingüística**. São Paulo: contexto, 1997.

BAGNO, Marcos. **Preconceito lingüístico: o que é, como se faz**. São Paulo: contexto, 1999.

FARACO, Carlos Alberto. **Estrangeirismos: guerras em torno da língua**. São Paulo: editorial, 2001.

<http://www.marcosbagno.com.br/conteudo/quememb.html>. Acessado em 21/01 às 11:51 h.

<http://www.marcosbagno.com.br/conteudo/textos.html>. Acessado em 21/01 às 11:55h.

<http://www.olavodecarvalho.org/apostilas/quem.html>. Acessado em 21/01 às 12:05h.

<http://www.olavodecarvalho.org/bio.html>. Acessado em 21/01 às 12:08 h.

<http://www.midiasemmascara.org/?p=625>. Acessado em 21/01 às 12:32 h.

<http://terramagazine.terra.com.br/interna/0,,OI2644194-EI8425,00-Se+Verissimo+escreveu.html>. Acessado em 21/01 às 12:46 h.

<http://portaldasletras.queroumforum.com/viewtopic.php?t=209>. Acessado em 21/01 às 12:53 h .